

(ORGANIZADOR)

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA

# A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS  
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

4

(ORGANIZADOR)

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA

# A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS  
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

4

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

iStock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

# A educação em verso e reverso: dos aportes normativos aos aspectos operacionais 4

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação em verso e reverso: dos aportes normativos aos aspectos operacionais 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-236-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.361210907>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “***A Educação em Verso e Reverso: Dos Aportes Normativos aos Aspectos Operacionais***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re) pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que fazem parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestradas, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO MESTRADO MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE DA FAMÍLIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Litieska Barros da Silva Santos

Camila Silva Araújo

Victor Santana Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109071>

### **CAPÍTULO 2..... 7**

#### **CRIAÇÃO COLETIVA E COLABORATIVA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO FORMA DE VALORIZAR A AUTORIA E ACRIATIVIDADE DE PROFESSORES E ESTUDANTES**

Constantino Dias da Cruz Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109072>

### **CAPÍTULO 3..... 17**

#### **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INFÂNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Maria Elisabete Fernandes

Mariana Lisbôa de Oliveira

Danúbia Bianchi Menegat

Cassiane Paganella da Silva

Elis Giane Jacobi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109073>

### **CAPÍTULO 4..... 20**

#### **PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: EXPERIÊNCIAS EM ESCOLAS BRASILEIRAS**

Debora Cavalcante Silva

Richard Alecsander Reichert

André Luiz Monezi Andrade

Adriana Scatena

Beatriz Iannotta

Rosana Fanucci Silva Ramos

Suzanna Araújo Preuhs

Felipe Anselmo Pereira

Lucas da Rosa Ferro

Denise De Micheli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109074>

### **CAPÍTULO 5..... 46**

#### **DERMEVAL SAVIANI EM “HISTÓRIA DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS NO BRASIL” E A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO ABDUTIVO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Isabela Araujo Lima

Gledson Lima Alves

Ada Augusta Celestino Bezerra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109075>

<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
A JUVENTUDE ESTUDANTIL VISTA PELA IMPRENSA NO INTERIOR BRASILEIRO: ANOS 1950 E 1960	
Isaura Melo Franco	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109076">https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109076</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
A VISÃO DOS ALUNOS, PAIS E PROFESSORES SOBRE A PERMANÊNCIA E ÊXITO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO DO IFG URUAÇU	
Marcilene Dias Bruno de Almeida	
Gene Maria Vieira Lyra-Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109077">https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109077</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>77</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO INFANTIL, EDUCAÇÃO ESPECIAL E CURRÍCULO	
Marcelo Dobrovoski	
Alexandro Braga Vieira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109078">https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109078</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>88</b>
MÚSICA, EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MACUXI, A PARTIR DA “BANDA CRUVIANA” DA UFRR	
Flávia Ávila Santa Rita	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109079">https://doi.org/10.22533/at.ed.3612109079</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
AS DIFICULDADES DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS	
Jéssica Midori Matsuda de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090710">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090710</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
O COLLEGIO MARIANNO (1867-1907): A EDUCAÇÃO FEMININA FEITA POR PARTICULARES NA REGIÃO SUL MINEIRA	
Hercules Alfredo Batista Alves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090711">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090711</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>121</b>
PERCURSOS METODOLÓGICOS DE PESQUISAS SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA	
Fabiola Gomes de Souza	
Ana Fanny Benzi de Oliveira Bastos	
Nerio Aparecido Cardoso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090712">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090712</a>	

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>138</b>
A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO	
Isabel Maria Romero Fernandez de Carvalho	
Patrícia Ortiz	
Augusto Ezequiel Afonso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090713">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090713</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>151</b>
O ESPAÇO PARA EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO ESCOLAR DO LEITOR	
Márcia de Assis Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090714">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090714</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>161</b>
MEDIDAS DE TENDÊNCIA CENTRAL E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA PROMISSORA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	
Jean Franco Mendes Calegari	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090715">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090715</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>172</b>
PRODUÇÃO DOCENTE EM PARES: UMA EXPERIÊNCIA DE METODOLOGIA ATIVA E CURADORIA DO CONHECIMENTO	
Wilzelaine Aparecida Hanke	
Jociana Maria Bill Kaelle	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090716">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090716</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: TEORIA E PRÁTICA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	
Jéssica Galdino de Mendonça dos Santos	
Jussara Bueno de Queiroz Paschoalino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090717">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090717</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>198</b>
A ESCRITA COMO TRABALHO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES À LUZ DA LINGUÍSTICA APLICADA	
Luan Tarlau Balieiro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090718">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090718</a>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>207</b>
MUDANÇA CURRICULAR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Maria da Glória Silva e Silva	
Elizabeth Diefenthaeler Krahe	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090719">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090719</a>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>217</b>
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INCLUSÃO E DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	
Divaneide Lira Lima Paixão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090720">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090720</a>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>229</b>
A ESCOLHA DO CURSO DE GRADUAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA WEBERIANA	
Maria da Conceição Soares	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090721">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090721</a>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>238</b>
CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: RELATO DE EXPERIENCIA DE UM EVENTO DE MOBILIZAÇÃO	
Jailane Janaina Delmaschio Alves	
Viviane de Araújo Leal	
Maria Antônia Valadares de Souza	
Waldecy Rodrigues	
Airton Cardoso Cançado	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090722">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090722</a>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>245</b>
RECURSOS EDUCACIONAIS DIGITAIS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DA ARTE: POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Sabrina Bleicher	
Marcela Krüger Corrêa	
Douglas Paulesky Juliani	
João Artur de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090723">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090723</a>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>256</b>
TECENDO DIÁLOGOS: AS CONTRIBUIÇÕES DE UM GRUPO DE ESTUDO-REFLEXÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Rafael Carlos Queiroz	
Mariangela Lima de Almeida	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090724">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090724</a>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>269</b>
AS EXPECTATIVAS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO REMOTA	
Maria Rosania Stofel	
Ines de Oliveira Ramos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090725">https://doi.org/10.22533/at.ed.36121090725</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>281</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>282</b>

# CAPÍTULO 9

## MÚSICA, EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA MACUXI, A PARTIR DA “BANDA CRUVIANA” DA UFRR

*Data de aceite: 21/06/2021*

*Data de submissão: 05/04/2021*

**Flávia Ávila Santa Rita**

Universidade Federal de Roraima  
Boa Vista, Roraima

<http://lattes.cnpq.br/9040075527393370>

**RESUMO:** A música fronteiriça, transculturada entre o moderno e tradição indígena de Roraima é o principal objeto de nossa pesquisa. A etnia macuxi é a maior representante indígena na região Norte e a sua musicalidade, como a da dança parixara, é posta a dialogar com as composições autorais da Banda Cruviana, banda formada por alunos do Instituto Insikiran da UFRR. Iremos apresentar a música como ferramenta educativo-cultural que fomenta o respeito mútuo entre povos que convergem em algum ponto e que devem valorizar suas práticas históricas. Esta pesquisa busca responder a seguinte problemática: Como as ações do Programa Insikiran Anna Eserenka, através da utilização dos elementos artístico-musicais da etnia Macuxi, contribuem para a valorização da cultura indígena na formação dos acadêmicos que compõe a Banda Cruviana da UFRR?

**PALAVRAS – CHAVE:** Música, cultura, macuxi.

### MUSIC, EDUCATION AND VALUATION OF MACUXI INDIGENOUS CULTURE, FROM THE UFRR'S “BANDA CRUVIANA”

**ABSTRACT:** The frontier music, transcultured between the modern and indigenous tradition of Roraima is the main object of our research. The Macuxi ethnic group is the largest indigenous representative in the North and their musicality, like that of the parixara dance, is set to dialogue with the authorial compositions of Banda Cruviana, a band formed by students from the Instituto Insikiran of UFRR. We will present music as an educational-cultural tool that fosters mutual respect among people who converge at some point and who must value their historical practices. This research seeks to answer the following problem: How do the actions of the Insikiran Anna Eserenka Program, through the use of the artistic-musical elements of the Macuxi ethnic group, contribute to the valorization of indigenous culture in the training of academics that make up the UFRR Cruvian Band?

**KEYWORDS:** Music, culture, macuxi.

### INTRODUÇÃO

Quando falamos de música, temos a impressão que imediatamente um aspecto pessoal se estabelece, lembramos de nossos gostos musicais, situações, memórias, hábitos que produzem uma identidade para nós, uma identidade que se inicia íntima e com o tempo vai se se construindo e se reconstruindo socialmente, a partir do momento que

compartilhamos nossas vivências. Começamos compartilhando com a família, depois amigos, vizinhos, amigos de trabalho, no trânsito, nas festas, nas redes sociais, enfim, a música, indiscutivelmente faz parte da construção contínua da identidade de qualquer nicho social.

Certamente é um processo dinâmico que se retroalimenta de elementos passados, mas se mistura a novos aspectos desenvolvidos ou criados na contemporaneidade, justamente por nossa necessidade de pertencimento, de participação no período de existência.

Falar sobre a Banda Cruviana nos remete exatamente a essa realidade de pertencimento, sobretudo, por ser uma banda formada, em sua maioria, por acadêmicos indígenas da Universidade Federal de Roraima. São nove integrantes, dos quais oito são da etnia Macuxi, etnia predominante no estado de Roraima (SANTILLI, 2001).

A Banda Cruviana começou como um projeto no ano de 2013, a princípio para reprodução de músicas populares, e, posteriormente, tornou-se parte de um Programa denominado Insikiran Anna Eserenka, no ano de 2015, sob a coordenação da Profa. Dra. Ise de Goreth Silva.

A partir deste momento a proposta ganhou um peso diferenciado, uma relevância histórico-cultural substancial, uma vez que o Programa teve como proposta a valorização da cultura indígena Macuxi por meio da prática musical. É exatamente este processo de execução do programa onde entro como colaboradora, uma vez que fui convidada pela coordenadora para cuidar da parte técnica musical da Banda Cruviana com acompanhamento de técnica vocal e prática de conjunto.

Todavia, o olhar foi além da prática musical e tornou-se um olhar pesquisador, um estudo de caso sobre algo que sobressaiu no transcorrer do trabalho, a transculturalidade que foi necessária para a execução da meta do Programa que era valorizar os aspectos tradicionais da música indígena Macuxi.

Neste sentido, abordaremos melhor a definição sobre transculturalidade e os conceitos que a permeiam e poderemos compreender como se deu o processo de construção da ação musical junto à Banda Cruviana.

## **CONCEITOS IMPORTANTES**

Transculturalidade foi um neologismo consciente utilizado por Fernando Ortiz (1983) para substituir a palavra “aculturação”, quando ele estudava sobre os fenômenos culturais de seu país, Cuba. Ortiz vai alegar que a palavra aculturação significa o trânsito de uma cultura para a outra, no entanto, o autor julga mais pertinente identificar como transculturação o fenômeno sociológico de aproximação de povos com práticas diferentes.

Essa nova colocação vai requerer um olhar mais próximo dos temas que caracterizam as práticas de um povo e a identificação de que uma cultura não está sendo abandonada

para dar lugar à outra, mas uma nova cultura está se formando ao passo que agrega elementos da anterior com novos aspectos absorvidos a partir da aproximação com uma nova realidade.

Povos formados por múltiplas colonizações, ou seja, com variedade de etnias passam por interações muito diversificadas. Seria muito ingênuo dizer que no processo de integração destes povos nada se alterou ou não continua a ser alterado. Há uma síntese bastante pertinente em que o autor fala sobre o imigrante desarraigado de sua terra natal, em um movimento de desajuste e de reajuste, de desculturação ou exculturação e de aculturação ou enculturação, enfim, de transculturação (ORTIZ, 1983).

Isso quer dizer que ele irá manter características do aprendizado natal, mas irá aglutinar conhecimentos e práticas recebidos no novo ambiente.

Neste mesmo bojo podemos falar sobre o multiculturalismo que é a presença de culturas diferentes numa mesma localidade com diferentes interações, ou interculturalidade que é o diálogo entre essas várias culturas que pode ser crítica e continuamente transformadora (CANDAU, 2012).

Sob a ótica desses conceitos é que começamos a desenvolver um processo de construção junto à Banda Cruviana da UFRR. Na verdade, os conceitos foram se introjetando mediante as necessidades surgidas durante o processo.

Falar sobre transculturalidade musical é falar sobre a importância da linguagem metamórfica da música. Talvez, por ser musicista desde muito cedo, a compreensão de transculturação voltada para a música tenha sido absorvida tão rapidamente.

Na história da música, um estilo, leva a outro estilo, que leva a outro e assim sucessivamente e retorna ao passado agregando novos elementos, enfim, é um infinito de possibilidades, o que Amorim (2005) vai chamar de poderoso meio de interação social.

Murray Schafer (1991) descreve o poder de estabelecer imagens e relações profundas de memória que a música possui, valendo-se de suas características específicas como altura, ritmo e duração. Ela é capaz de delinear as características de um povo, de um período histórico, de estilos variados utilizando os recursos sensoriais do corpo humano (SWANWICK, 1991).

Em se tratando de música indígena podemos parafrasear Marlui Miranda em seu cd, “Ihu: todos os sons”, podemos dizer que conhecemos muito pouco sobre a maneira indígena de pensar e seus comportamentos, lemos sobre seus artesanatos e pinturas corporais, mas a música indígena “permanece como um segredo cultural, enterrado na região mais funda de nossos arquétipos (1995).”

Podemos dizer que parte dessa característica secreta musical deve-se ao fato de haver poucos “registros fonográficos”, ou ainda, por a música não ter se tornado um meio de subsistência como se tornou sua produção artesanal, logo, registrar a música para venda nunca fez parte de uma proposta, afinal, requereria grande aparato tecnológico e outros itens que compõem uma “indústria musical”.

Outro elemento de suma importância para a nossa compreensão, é o fator cosmológico de algumas etnias que sacralizam seus ritos.

Camargo Piedade (2004) relata sua experiência com o povo Wauja no Alto Xingu, quando na ocasião pesquisava sobre as flautas “*kawokás*” e foi impedido de filmar as cerimônias ou gravar as melodias por motivos sagrados.

Há todo um aspecto cosmológico que rege as práticas dos povos indígenas que não são muito comuns à nossa compreensão. Nem tudo é mostrado, a eles não interessa a ampla divulgação por fatores antropológicos característicos de cada etnia.

O fato é que à medida que se torna mais difícil o isolamento, manter raízes históricas e práticas tradicionais parece ser um desafio significativo, com grandes proporções, uma vez que a disputa com os recursos tecnológicos é desleal.

Há que se adotar recursos e linguagens que sirvam para a reflexão e aproximação entre o antigo e o novo.

A música cumpre muito bem este papel agregador. Historicamente, essa função foi utilizada durante a colonização do Brasil.

Moraes e Saliba (2013) relatam que havia duas formas de catequização por parte dos jesuítas que aqui chegaram em 1549 na Bahia: uma era utilizar suas melodias europeias com conteúdos cristãos e outra era arranjar o mesmo conteúdo em músicas indígenas acompanhadas por instrumentos indígenas, porém, em 1552, foi proibido o uso das melodias nativas, restringindo-se apenas ao uso do canto gregoriano. Instituiu-se então, a perda significativa dos elementos culturais musicais destes povos, mas em contrapartida, constata-se sua imensa capacidade e talentos musicais em várias regiões do país, no canto, em corais polifônicos, no órgão, nas flautas e nas cordas.

Há uma análise por parte dos pesquisadores exatamente quando se trata da “não autonomia” dada aos indígenas, ou seja, não se considerou suas capacidades de leitura ou releitura das linguagens artísticas apresentadas:

A colaboração que o nativo poderia dar ao teatro e a música nunca foi aproveitada, porque eram os missionários que preparavam os espetáculos, que armavam as cenas, utilizando o lado colorido que o meio oferecia, mas não dando ocasião a que a inteligência e a habilidade do homem da terra se revelassem (CAMÊU, 1977, p.76).

Outro aspecto bastante criticado é o fato de mestres como Antônio Vieira sobressaírem em suas práticas pedagógico-musicais junto aos índios, mas não produzirem sucessores “indígenas”, ou pelo menos não registrarem essas personalidades.

Ainda ignora-se se algum descendente de índio, pelo menos, tenha seu nome inscrito na História da Música no Brasil, como sucedeu com os filhos de africanos. A pessoa do nativo, quando não foi esquecida, ficou englobada na grande parcela que ajudou as primeiras obras materiais e espirituais realizadas no Brasil colonial. As poucas vezes em que lhe fizeram justiça aparece disfarçado sob o nome de batismo ou apontado simplesmente como um índio (CAMÊU, 1977, p.76).

As notícias sobre atividades musicais entre os povos indígenas de regiões colonizadas foram se tornando cada vez mais raras e sempre que relatadas demonstraram o cunho exploratório que lhes era peculiar. Mesmo pesquisadores naturalistas como Alexandre Rodrigues Ferreira, Karl Friedrich von Martius e Alcide d'Orbigny, embora transcendessem a mera curiosidade e fornecessem aspectos mais técnicos da música indígena, mantiveram o caráter exploratório (MORAES E SALIBA, 2013).

O estudo sobre uma linguagem universal como a música, como ferramenta educacional em comunidades com características, para o homem moderno, "primitivas", trabalha para atestar o pensamento supracitado do autor de que os indígenas não são meramente diferentes de nós, estão presentes através das produções desde sempre realizadas, porém, talvez não reconhecidas e estudadas de maneira devida.

Vamos além quando ressaltamos que a música indígena torna-se um conhecimento ainda mais complexo se pensarmos nas especificidades de cada etnia.

## **DA MÚSICA INDÍGENA NACIONAL À MÚSICA MACUXI**

Almeida e Pucci (2003) vão ressaltar que a música indígena é completamente integrada à vida social das comunidades como em seus rituais: de colheita, de iniciação, religião, nascimento, casamento e morte. Os temas musicais indígenas vão em direção às coisas da natureza, à religião, com forte ênfase à magia e o que para nós seriam mitos.

As autoras descrevem ainda que por ocasião da colonização, os jesuítas lançaram mão de músicas nativas como meio de evangelização, trocando as letras originais por temas cristãos. Hoje, surge a necessidade de investigar esse conhecimento musical específico, não só por parte dos pesquisadores, mas por parte dos próprios indígenas que buscam divulgar suas raízes históricas.

Elas reconhecem que cada etnia possui seus elementos musicais característicos, todavia, há aspectos musicais que são comuns a várias comunidades:

- A forma cíclica: melodias que se repetem durante muito tempo, criando um estado de transe durante os rituais.
- O modalismo: as melodias não possuem a referência tonal-harmônico característica da música ocidental europeia.
- A presença do pulso marcado sistematicamente, geralmente realizado com os pés e maracás, dá um caráter hipnótico à música. (ALMEIDA E PUCCI, 2003, p.51)

Não é o caso fazer referência à música indígena como influência para a música brasileira, uma vez que ela é brasileira, porém Almeida e Pucci citam reflexos marcantes provocados pelas características musicais indígenas como danças, instrumentos musicais e o timbre anasalado no canto. Sobre este último item, Mário de Andrade reforça esta observação de que uma das marcas vocais indígenas é o som nasal:

*[...] inda se pode reconhecer proveniência indígena em certos processos de cantar que são comuns a todo o país; especialmente o timbre nasal, muito usado pelas diversas raças indígenas aqui existentes, e permanecido na voz brasileira. (ANDRADE, 2013, p.7).*

Camêu (1977) defende a existência de um fenômeno musical irrefutável na música indígena, independente da forma que ele assuma, uma vez que se estabelece como veículo comunicador eficiente, ou seja, transmite mensagens, cumpre finalidades.

A autora escreve justificativas bastante condizentes com as finalidades a que se presta a música indígena:

Na música do índio do Brasil as diferenças de altura entre os intervalos não se apresentam de maneira a fugir à análise, porque também formam-se, conduzem-se e se desenvolvem dentro das leis imutáveis que regem o som. Coisas que se afiguram diferentes, intervalos que parecem indecisos podem ser provocados pelas inflexões das línguas, pelas deficiências do intérprete ou pelas disposições peculiares a grupos e a tribos. O gutural, o dental, o aspirado, a articulação interrompida provocam sons de qualidade estranhas para os ouvidos não habituados (CAMÊU, 1977,p.102).

Muitas canções atravessaram os tempos através da escrita musical, porém, outras tantas, superaram a ausência da escrita e se valeram da transmissão oral de conhecimentos e se mantêm até os dias de hoje.

Miranda (2003) faz alusão aos aspectos culturais da etnia que predomina no estado de Roraima, os Macuxi. Diz sobre duas danças: o parixara, mais utilizado nas festas comemorativas, onde as letras das canções mencionam nomes de homens e animais, e o areruia (aleluia), manifestação religiosa que faz alusão a Deus, Sua criação e poder.



Roda de Parixara durante o I Encontro de Todos os Povos, 2013.

Fonte: Flávia Ávila Santa Rita

O timbre anasalado citado por Andrade (2013) permanece presente no canto indígena, reforçando o parecer anteriormente constatado.

Mesmo nas músicas autorais desenvolvidas pelo Projeto Banda Cruviana, esta característica fica patente, embora tenham sido agregadas colocações de cunho político e social, além do que, as referências são feitas a todas as etnias ainda existentes, não somente à etnia Macuxi, embora o grupo musical seja composto por ela em sua maioria.

Abaixo, uma canção composta por uma das integrantes indígenas (informação pessoal)<sup>1</sup> demonstra algumas características citadas:

### **RORAIMA**

Letra: Juci Carneiro. Melodia: Vinícius Carvalho

As pinturas no meu rosto  
Contam histórias do meu povo  
De Makunaima você nasceu  
Traz na vida história antiga  
Mas agora que você cresceu  
Não valoriza nada que eu digo  
Esse seu ar de grandeza  
Isso alimenta a minha dor  
Essa sua sede de riqueza  
De onde você tirou

Roraima olha pra cá!  
Também nasci de Makunaima  
E não quero mais invasão  
São tantas leis sendo criadas  
Sem respeitar essa nação

É nítido que as influências geradas a partir do contato com outras realidades alteraram as práticas musicais indígenas, o que de certa forma nos parece natural, uma vez que toda e qualquer sociedade sofre mudanças ao longo do tempo. O que não deve ser aceito é o esquecimento ou a perda do teor histórico que assegura identidade a estas comunidades.

Ao analisarmos a troca de saber entre os povos indígenas e sociedade miscigenada por meio das influências musicais tanto buscadas pelos indígenas para narrar seus hábitos e histórias junto aos estilos popularmente conhecidos, quanto pela sociedade com a composição de cantos que delineiam uma linguagem própria, convergiremos ao

---

<sup>1</sup> Informação coletada durante os ensaios.

pensamento de Cancline que diz:

[...] os estudos que se voltam para o mundo indígena tem um universo delimitado: procuram sempre evidenciar a diferença entre grupos e deixam de fora o que se impõe de modo crescente, que são os processos de interação com a sociedade nacional e mesmo com a economia transnacional (CANCLINE,1998, p.348).

Não deve haver espaço para uma visão linear do que é nossa história. Cada elemento e etnia que compõe a transmissão dessa história tem que ser devidamente observado e registrado, a fim de que ocupe seu lugar de importância.

Helza Camêu ressalta:

Que a música indígena se modifique em seus padrões próprios é perfeitamente lógico e mesmo necessário, pois dessa forma ampliar-se-ão as perspectivas, proporcionando experiências que levarão a outros planos. O que não se pode admitir é que se perca, que seja destruído, conscientemente, um patrimônio, que representa fonte de estudo até para a própria música evoluída (CAMÊU,1977, p.81).

Nesse sentido é que apresentaremos a música como ferramenta na educação indígena Macuxi desde a fase da oralidade, até a inclusão e reconhecimento registrado do produto dessa cultura em nossa sociedade, bem como, consideraremos a troca de conhecimento com este povo para a construção da linguagem local.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois visa estabelecer um olhar sobre um contexto social não quantificável, mas preenchido com valores inerentes a um grupo específico, e ainda, perceber sensivelmente as individualidades que caracterizam este grupo.

O método escolhido, foi então, o estudo de caso, uma vez que o propósito é conhecer os fenômenos de um grupo social específico com sua complexidade característica, sob uma perspectiva holística e também realista.

A escolha deste método para a condução da proposta está baseada no seguinte referencial:

Não existe fórmula, mas a escolha depende em grande parte, de sua (s) questão (ões) de pesquisa. Quanto mais suas questões procurarem explicar alguma circunstância presente (por exemplo, "como" ou "por que" algum fenômeno social funciona), mais o método do estudo de caso será relevante. O método também é relevante quando suas questões exigirem uma descrição ampla e "profunda" de algum fenômeno social (YIN, 2015, p.4).

Há importantes relatos de experiências de momentos variados, provenientes das ações promovidas pelo Programa como: a convivência contínua de ensaios, reuniões, apresentações, viagens a comunidades e relatos dos componentes da banda sobre as

ações nas escolas indígenas participantes do Programa.

Isso torna possível essa investigação sob o olhar dos indivíduos envolvidos no processo, ou ainda, esse treinamento de olhar que soma os indígenas de comunidade Macuxi que vem estudar no Insikiran, os indivíduos de origem Macuxi que não vivem mais nas comunidades, um aluno visitante de música que não é Macuxi, mas tem aprendido a compreender a cultura e a coordenadora que teve a motivação inicial para promover a ação. Tudo convergindo para a cultura indígena Macuxi.

A interação com os componentes da banda tornou-se cada vez mais enriquecedora, uma vez que houve a necessidade de buscar caminhos para motivá-los a dar ênfase ao conhecimento da cultura musical Macuxi, seu uso e importância, tendo em vista que alguns já haviam se afastado das comunidades, para então os estimular à introdução dos elementos musicais Macuxi nas composições.

## RESULTADOS

O processo seguido para alcançar os resultados requereram muita sensibilidade, discernimento e perseverança, isso porque os envolvidos embora fossem em maioria, pertencentes à etnia Macuxi, provinham de situações diferentes. Alguns ainda têm contato próximo com as comunidades de origem, outros saíram há algum tempo e se esqueceram de elementos culturais que foram sendo retomados à medida que requeríamos informações, e, outros ainda, nem chegaram a viver em comunidades, nasceram na cidade e conhecem pouco sobre a língua e aspectos mais específicos como música, instrumentos e cosmologias.

Essa diferenciação de realidades tornou-se algo complexo, uma vez que as influências musicais sofridas por eles foram variadas e quando reunimos todos o grupo para a orientação de prática de conjunto, os gostos pessoais começaram a se tornar evidentes.

Havia alguma concordância sobre as músicas regionais mais conhecidas, aquelas dos compositores que sobressaem no estado de Roraima, porém, quanto aos demais estilos havia divergências sensíveis que poderiam comprometer a integração do grupo e a proposta do Programa que era desenvolver produções autorais com incursões de elementos tradicionais Macuxi.

Os participantes mais próximos às comunidades demonstravam maior interesse pelo forró, muito comum nas festas das comunidades e aqueles que já viviam há mais tempo na cidade variavam seus gostos entre os estilos difundidos por mídias e conhecimentos histórico-musicais.

Poderia ser um fator complicador, mas o acordo feito é que passearíamos por diferentes estilos cumprindo a proposta do Programa, tudo com muito jeito para que não houvesse desarmonia. Logramos êxito logo no ensaio da primeira composição coletiva do grupo.

A canção discorria em ritmo de reggae, sobre os aspectos políticos que subjagam a cultura indígena e a necessidade de reavivá-la, no entanto, estava faltando a inclusão do aspecto tradicional. Foi quando perguntei sobre o conhecimento que eles tinham de músicas da Dança do Parixara, dança festiva bastante praticada nas comunidades. Os componentes mais próximos das comunidades logo se manifestaram e começamos a experimentar a melodia no arranjo.

Na proposta inicial a flauta começaria sozinha, mas achamos melhor acrescentar a guitarra junto e logo depois a bateria chamava o reggae. Nos ensaios subseqüentes, o próprio grupo foi desenvolvendo adequações até que a música se tornasse a abertura dos shows com uma cama harmônica completa, com a presença de mais instrumentos e os vocalistas cantando a melodia na língua Macuxi, melodia esta que era repetida pelos instrumentistas em um interlúdio durante a canção.

A ênfase nesta primeira experiência ocorre por que a partir dela uma nova motivação surgiu. Minha sensação foi de que gostos individuais que poderiam ser uma barreira haviam sido superados sem discussão, apenas pela prática musical construída coletivamente,

Enumerando os resultados, esse é o primeiro. Uma criação coletiva, criativa, integradora e com objetivo educacional específico de valorizar a cultura de uma etnia é algo de valor inestimável.

Além disso, tínhamos diante de nós a história de um povo indígena sendo pesquisada, conhecida e reconhecida pelos seus e por todos aqueles que tiveram a oportunidade de ouvir a Banda Cruviana. A interação destes acadêmicos com alunos de escolas indígenas, proporcionada pela coordenação do Programa, por meio de oficinas de construção de instrumentos típicos Macuxi, de prática de violão e de integração com grupos musicais das próprias escolas, ampliou significativamente o raio de influência do Programa.

Houve a oportunidade da divulgação desta proposta em várias oportunidades de eventos dentro da própria universidade, em movimentos sociais, em comunidades indígenas e de maneira mais emblemática, durante o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária realizado na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, onde ocorreu uma exposição a nível nacional, não somente por meio da apresentação musical, mas também pela exposição de trabalhos pesquisados e confeccionados pelos membros da banda, estudados previamente e demonstrados com sucesso, segundo o testemunho dos acadêmicos e da própria coordenadora.

Todo este desdobramento da proposta, toda esta execução desenvolveu, talvez a parte mais importante do resultado, todos eles compreenderam, abraçaram e se envolveram com o objetivo do trabalho e se tornaram instrumentos multiplicadores importantes. Para mim, que não acompanhei todas as viagens, isso ficou muito claro quando tivemos a oportunidade de tocar na Festa das Panelas de Barro, na comunidade Raposa Serra do Sol. Eu havia estado em muitos ensaios e apresentações, havia colaborado com montagens grandes de espetáculo, mas estar na comunidade transmitiu um sentimento diferente da

parte deles. A estrutura era muito básica, mas a motivação era, de fato, diferenciada. Havia respeito no momento introdutório de oração cantada, nas apresentações das pessoas que estavam ali para aquela festa e muita vontade tocar.

Depois de uma longa caminhada musical, havíamos aportado num objetivo que, enfim, se concretizara de forma apaixonante. Todas as composições falavam sobre a cultura, algumas tinham palavras na língua Macuxi, descreviam hábitos e objetos, incluíam os instrumentos percussivos típicos da etnia, como propusera a coordenação, mas os ritmos eram variados.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

O produto desta trajetória com a Banda Cruviana ratificou as falas trazidas a este artigo.

Quando Ortiz (1983) fala sobre transculturação, dá-se a ler exatamente o que ocorreu no processo vivenciado por estes componentes. Na realidade de banda em formação e instrumentos contemporâneos, desprezar as influências e experiências musicais anteriores poderia produzir uma caricatura cultural, no entanto, por meio de uma integração realizada pelos próprios elementos musicais, obtivemos um resultado que abraçou a todos e cada um ao mesmo tempo.

A coordenação do Programa Insikiran Anna Eserenka cumpriu os objetivos, a cultura foi estudada, reconhecida, valorizada e divulgada amplamente. Os componentes vivenciaram ritmos de seus gostos, aprenderam sobre respeito mútuo, tocando outros ritmos e estilos, conheceram sobre suas próprias histórias e hábitos, divulgando com qualidade musical a cultura indígena Macuxi.

Isso reforça a fala de Elaza Camêu (1977) exposta acima, sobre o fato de que é absolutamente natural e necessário ocorrerem as trocas de saberes musicais para que outro plano seja atingido, no entanto, não se deve desprezar e abandonar as origens que compõem a base de uma identidade que vai se construindo ao longo dos anos.

Por fim, o poder agregador da música se concretiza nesta ação de forma incontestável e bela, afinal, um bom processo educativo requer troca (FREIRE, 1996) e a prática musical é capaz de produzir e reavivar a memória (SCHAFER, 1991).



Aniversário da UFRR, 2016.

Fonte: Facebook/Banda Cruviana

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Berenice e PUCCI, Magda. **Outras Terras, Outros Sons: A música como instrumento de educação**. São Paulo: Callis, 2003.

ANDRADE, Mário de. **Música, doce música**. São Paulo: Martins-MEC, 1976.

BASTOS, Lília da Rocha, PAIXÃO, Lyra, FERNANDES, Lúcia Monteiro et al. **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias**. 4.ed.rev.aum. Rio: LCT, 1994.

BEYER, Esther. **Abordagem cognitiva em música**. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Universidade do Rio Grande do Sul, 1988.

CAMÊU, Helza. **Introdução ao estudo da música indígena brasileira**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1977.

CANCLINE, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp. 2ª ed., 1998.

CENTRO DE INFORMAÇÃO DIOCESE DE RORAIMA. **Índios e Brancos em Roraima**. Brasília: Editora Gráfica Ltda, 1990 (Coleção histórico-antropológico N° 2).

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MIRANDA, Marlui. **CD IHU: Todos os sons [ a descoberta musical do brasil no século XX]**. São Paulo: Pau Brasil, 1995.

MIRANDA, A.G. et al.. **Perfil Territorial do Estado de Roraima**. Boa Vista: GTE, 2003. \_\_\_\_\_. **Área Indígena Raposa/ Serra do Sol: Visão Regional**. Boa Vista: GTE, 2004.

MORAES, José Geraldo Vinci; SALIBA, Elias Thomé. **História e Música no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2010.

ORTIZ, F. **Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba**. Tradução: Lívia Reis. Niterói: UFF, 2010.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Atenção Integral à Saúde da Família 1

Atendimento Educacional Especializado 13, 87, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 269, 270, 271, 273, 276, 277, 279

### C

Colaboração 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 91, 126, 180, 182, 183, 233, 243, 248, 255, 256, 263, 272

Competência Comunicativa 12, 138, 139, 141, 143, 144, 147, 149, 150

Comunicação 2, 16, 38, 41, 51, 103, 104, 108, 111, 126, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 161, 163, 175, 181, 182, 183, 208, 224, 240, 243, 247, 248

Cononavírus 100, 102

Cotidiano Escolar 17, 18, 19, 82, 256, 257, 262

Criação Coletiva 10, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 97

Cultura 11, 16, 19, 26, 30, 31, 39, 41, 56, 58, 59, 61, 67, 75, 79, 80, 83, 87, 88, 89, 90, 95, 96, 97, 98, 99, 119, 120, 152, 175, 183, 228, 240, 250, 254, 277, 279, 281

Curadoria do conhecimento 12, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 181, 182

Currículo 11, 68, 77, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 133, 149, 166, 185, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 240, 263, 275, 277

Curso de Graduação 13, 7, 25, 161, 162, 185, 186, 196, 229, 230, 233, 234, 235

### D

Décadas de 1950 e 1960 54, 55, 63

Desenvolvimento Sustentável 13, 21, 238, 239, 240, 241, 244

Dificuldades Tecnológicas 100

Disciplina 1, 3, 4, 5, 10, 34, 43, 71, 73, 102, 104, 117, 132, 140, 162, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 178, 179, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 193, 194, 195, 196, 212, 247, 250, 253

Docência 68, 127, 128, 131, 145, 172, 174, 175, 179, 181, 187, 197, 198, 207, 209, 211, 281

### E

Educação a Distância 10, 12, 13, 1, 2, 6, 7, 10, 12, 16, 100, 101, 207, 208, 210, 211, 215, 245, 246, 247, 249, 250, 254, 255

Educação Ambiental 17, 18, 19

Educação Brasileira 9, 18, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 109, 112, 265

Educação Especial 11, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 256, 257, 258, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279

Educação Feminina 11, 112, 113, 119

Educação Inclusiva 109, 217, 218, 219, 220, 225, 226, 227, 228, 266

Educação Infantil 11, 17, 18, 19, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 101, 119

Educação Profissional 11, 64, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Educação Remota 13, 100, 107, 269, 273, 276

Ensino de Estatística 161

Ensino Remoto 269

Ensino Técnico Integrado 64

Escola 11, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 57, 62, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 101, 103, 104, 105, 107, 109, 111, 114, 120, 137, 140, 145, 146, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 159, 161, 175, 178, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 204, 206, 219, 223, 226, 227, 232, 250, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 269, 272, 273, 274, 276, 277

Escrita Como Trabalho 12, 198, 199, 200, 201, 203, 205

Estágio 12, 25, 37, 67, 87, 126, 131, 132, 133, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197

Estudantes 9, 10, 3, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 72, 74, 75, 84, 85, 100, 101, 102, 104, 105, 126, 138, 139, 140, 143, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 175, 178, 180, 181, 182, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 204, 205, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 218, 223, 225, 233, 234, 236, 243, 246, 247, 249, 250, 253, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280

Evasão 7, 64, 65, 69, 70, 74, 75, 76

Eventos científicos 29, 238, 239, 243

## **F**

Formação Continuada 11, 77, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 133, 207, 208, 209, 215, 217, 256, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 266, 267

Formação de professores 13, 85, 87, 126, 127, 129, 133, 134, 137, 185, 186, 189, 197, 216, 256, 257, 258, 259, 260, 266, 267, 281

Formação Inicial 11, 68, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 146, 149, 150, 186, 187, 197, 264

## **G**

Gestão 3, 6, 62, 69, 70, 75, 101, 102, 107, 108, 109, 145, 146, 184, 185, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 207, 209, 210, 214, 215, 248, 254, 255, 258, 263, 264

## **H**

História da arte 13, 245, 250

História das ideias pedagógicas 10, 46, 47, 48, 53

## **I**

Imprensa 11, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 112, 115, 116, 117

Inclusão Escolar 76, 81, 83, 87, 218, 256, 258, 262, 266, 267

Interior Brasileiro 11, 54, 55

## **J**

Jalapão 238, 239, 240, 243

Jornais 54, 55, 60, 62, 63, 100, 112, 115, 116

## **L**

Legislação 101, 217, 225, 269, 271

Leitura 9, 22, 23, 91, 115, 118, 120, 125, 126, 128, 130, 132, 135, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 174, 177, 212, 249, 250

Letramento 151, 152, 153, 157, 159, 160, 179, 281

Literatura 10, 11, 14, 16, 20, 22, 58, 65, 68, 151, 152, 154, 156, 157, 159, 160

## **M**

Macuxi 11, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

Max Weber 229, 230, 237

Medidas de tendência central 12, 161, 165, 166, 168

Método Abductivo 10, 46, 48

Metodologia ativa 12, 172, 180, 181, 182

Metodologia de pesquisa 121, 123, 134, 135

Modernidade Conservadora 112, 118

Mudança Curricular 12, 207

Música 11, 7, 9, 11, 58, 63, 80, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 117

## **O**

ODS 21, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244

## **P**

Pandemia 9, 11, 3, 6, 100, 101, 102, 105, 107, 110, 111, 241, 258, 262, 277

Permanência e êxito escolar 64

Pesquisa-ação colaborativo-crítica 77, 81, 256, 258, 259, 261, 263

Prática 12, 9, 16, 22, 29, 31, 49, 50, 58, 75, 79, 84, 85, 86, 87, 89, 96, 97, 98, 114, 128, 129, 130, 134, 135, 140, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 157, 159, 160, 162, 165, 172, 173, 174, 176, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 199, 200, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 226, 232, 237, 246, 254, 256, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 272, 279

Prática Pedagógica 145, 148, 150, 207, 208, 209, 259

Prevenção 10, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 272

Professor de Matemática 121, 125, 128, 131, 132

## **R**

Racionalização 229, 232, 233, 236, 267

Recursos Educacionais Digitais 13, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253

Reescrita 198, 199, 200, 205, 206

Revisão 14, 20, 22, 44, 48, 51, 65, 198, 199, 200, 204, 205, 226, 233, 252, 253

## **S**

Saúde da Família 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 25, 42

Socialização do conhecimento 10, 46, 47, 49

Sociologia Compreensiva 229, 230, 237

Subjetividade 12, 123, 151, 152, 154, 155, 158, 159, 160, 194, 195, 196, 227, 233

## **T**

Teoria 12, 9, 11, 16, 47, 51, 75, 84, 85, 87, 120, 121, 123, 131, 132, 135, 136, 140, 149, 150, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 178, 182, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 219, 237, 256, 258, 259, 260, 261, 263, 266, 267

Transposição Didática 12, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 171

## **U**

Uso de Drogas 10, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [facebook.com/atenaeditora.com.br](https://facebook.com/atenaeditora.com.br)

# A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS  
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

4

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [facebook.com/atenaeditora.com.br](https://facebook.com/atenaeditora.com.br)

# A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS  
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

4